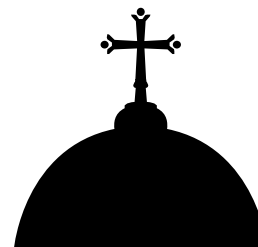




JERUSALÉM, IDA E VOLTA

Saul Bellow

**JERUSALÉM,
IDA E VOLTA**
UM RELATO PESSOAL



Tradução de
Raquel Mouta

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXI

PREFÁCIO

© 2011, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *To Jerusalem and Back — A Personal Account*
© 1976, The Estate of Saul Bellow
Todos os direitos reservados

Título: *Jerusalém, Ida e Volta — Um Relato Pessoal*
Autor: Saul Bellow
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Tradução: Raquel Mouta
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Vera Távares

ISBN 978-989-671-068-2
Depósito Legal n.º 321962/11

ESTE É UM LIVRO POLÍTICO. Sê-lo-ia mesmo que o autor pretendesse evitá-lo. Como tudo o que diz respeito a Israel, *Jerusalém, Ida e Volta* é um relato votado, desde o início, à controvérsia. O próprio Saul Bellow, um judeu americano, não se furta a ela. Por exemplo ao dedicar-se demoradamente a rebater as opiniões do filósofo Jean-Paul Sartre a respeito da questão israelo-árabe.

O escritor parece no entanto lamentar a permanente tensão que encontra numa cidade que não dá tréguas a quem a visita, onde em praticamente tudo se jogam questões de vida ou de morte: «Não há momentos pacíficos em Jerusalém, pelo menos para quem anda a fazer perguntas. Recosto-me na cadeira com uma chávena de café para me deleitar na conversa oriental de um homem inteligente. Sou imediatamente envolvido numa conversa atormentadora.»

Desde que o livro foi publicado, em 1976, mudaram os protagonistas, foram inúmeras as tentativas, todas falhadas, de encontrar soluções para um conflito sem fim à

vista, mas o pano de fundo continua o mesmo. As «conversas atormentadoras» que Bellow teve em meados dos anos setenta do século passado são as mesmas, no essencial, que terá hoje quem ande «a fazer perguntas» por aquelas paragens. O escritor Amos Oz, agora já com um reconhecimento que ainda não tinha quando se encontrou com o autor de *Herzog*, pode ainda explicar a quem o quiser ouvir que uma das particularidades de Israel é ter «mais visões distintas do Céu do que um estrangeiro consegue imaginar».

O factor religioso é importante para entender uma cidade considerada santa pelas três grandes religiões monoteístas. Bellow depara-se com ele logo na viagem de ida, quando um judeu ortodoxo tenta comprar-lhe a promessa de passar, daí em diante, a comer apenas refeições *kosher*. E o preço nem parece mau de todo: o jovem prosélito está disposto a enviar ao escritor 25 dólares por semana, para o resto da vida. Ainda assim, ao longo dos três meses que passa em Jerusalém, Saul Bellow acaba por concluir que o verdadeiro cimento de Israel é de outra ordem: «Nas circunstâncias actuais, o que une a sociedade israelita é uma sensação de perigo comum e não um sentimento religioso de fraternidade.»

Ao escrever *Jerusalém, Ida e Volta*, Saul Bellow já era um autor famoso. A publicação do livro coincidiu aliás com a consagração que lhe foi atribuída ao obter o Prémio Nobel da Literatura. Assim se compreende que Henry Kissinger, o poderoso chefe da diplomacia de Washington, aceite recebê-lo depois dos três meses que o escritor passou em

Israel. O encontro revela-se pouco interessante. «As conversas mais improfícuas que tive foram com pessoas que se presumia terem mais para dizer.» Felizmente, muitos são os interlocutores do escritor ao longo destas páginas, muita outra gente de quem não se esperam grandes declarações, apenas histórias humanas que ajudam a compor o retrato de uma nação jovem criada por um povo muito antigo. «Estas pessoas estão activa e individualmente envolvidas na história universal. Não percebo como é que aguentam.»

Jerusalém, Ida e Volta é um livro sobre a capacidade empreendedora de um país acantonado entre os seus inimigos e o mar.

CARLOS VAZ MARQUES

entre países pobres e ricos, e perturbando em Paris o trabalho de homens de boa vontade que tentavam criar um novo clima e tratar os países do Terceiro Mundo como iguais e parceiros. Os rodesianos e os sul-africanos, dizia o *Le Monde*, estavam a brindar aos israelitas com champanhe. Mas a aprovação do assalto pela Europa ameaçava os planos da França para uma nova ordem internacional. A 4-5 de Julho, igualmente antes do resgate, o *Le Monde* relatou sem comentários as piadas que Amin fez num discurso em Port Louis. Dirigindo-se à Organização de Estados Americanos (OEA), Amin provocou risos e aplausos entre os representantes, dizendo que os reféns não podiam estar mais confortáveis tendo em conta as circunstâncias: estavam rodeados de explosivos. — Quando de lá saí — disse ele com uma gargalhada —, os reféns desataram a chorar e imploraram-me que lá ficasse. — O riso foi geral.



Saímos para a rua, e o meu amigo David Shahar, que tem um peito largo, respira fundo e aconselha-me a fazer o mesmo. O ar, o próprio ar, é inspirador em Jerusalém, foram os Sábios que o disseram. Estou disposto a acreditar nisso. Eu sei que deve ter propriedades especiais. A delicadeza da luz também me afecta. Olho lá para o fundo, na direcção do Mar Morto, por sobre rochedos fendidos e casinhas com telhados bolbosos. A cor dos telhados é a do chão, e no meio daquela paisagem estranha e mortiça o ar abrasador cai

sobre nós com um peso quase humano. Aquelas cores comunicam algo de inteligível, algo de metafísico. O universo interpreta-se a si mesmo perante os nossos olhos no espaço aberto do vale de rochas espalhadas que se estende até às águas mortas. Noutros locais, morremos e desintegramo-nos. Aqui, morremos e misturamo-nos no todo. Descemos do Mishkenot Sha'ananim, que está numa encosta virada para o Monte Sião e a Cidade Velha, até ao Gai Hinnom* (tradicionalmente conhecido por Geena), onde certa vez os adoradores de Moloch sacrificaram os seus filhos. Do Gai Hinnom, subo com Shahar até a um antigo cemitério caraíta, onde podemos ver a mistura com os nossos próprios olhos. Aquilo produz-me um efeito estranho nos nervos (subindo-me pelos pés, por assim dizer), pois sinto que grande parte daquela poeira deve vir do esboroamento de ossos humanos. Não sei se Jerusalém é geologicamente mais antiga do que outros locais, mas nunca vi nada de aspecto mais desgastado do que esta dolomite e esta argila. Cinzenta e sumida, nos pensamentos de Mr. Bloom, no *Ulysses* de Joyce. Mas no ar ofuscante e nas nuvens brancas e maciças, suspensas sobre as montanhas amarrotadas, nada há que sugira exaustão. Esta atmosfera faz com que o lugar-comum americano «fora deste mundo» tenha veracidade suficiente para nos sobressaltar a alma.

A câmara transformou o Gai Hinnom num parque. A Fundação Wolfson de Londres financiou a plantação de jardins, e miúdos árabes estão a brincar com uma bola de

* Vale do Hinnom. (N. da t.)

futebol no relvado ao fundo do vale. Em Jerusalém Oriental, miúdos durões de catorze anos fumam cigarros e armam os ombros, praticando o papel do indolente perigoso quando nós passamos por eles, com Shahar em plena palestra. Shahar é calvo, musculoso, e traz vestida uma camisa com póneis, ferraduras e rédeas — um estampado amarelo sobre azul-marinho. O que é divertido, pois Shahar é escritor e pensador, tudo menos um apostador das corridas de cavalos. Então, visitamos antigas cavernas tumulares e os nichos em que os corpos eram depostos antigamente. Agora estão para ali a enferrujar pára-choques de camiões, é o século xx a acrescentar o seu metal velho à grandiosa mistura de poeira de Jerusalém. Pode ter a certeza absoluta, diz Shahar, que o profeta Jeremias passou por aqui. Exactamente onde nós estamos.



Descubro em *Arabic Political Memoirs*, de Elie Kedourie*, factos desconhecidos da maioria das pessoas sobre a diplomacia norte-americana de finais dos anos quarenta. No Médio Oriente, e provavelmente noutros locais, os Estados Unidos dependem fortemente de consultores e de peritos em relações públicas. A empresa americana Booz, Allen & Hamilton cedeu um dos seus especialistas, Miles Copeland, ao Departamento de Estado, onde em 1955 fez parte de um grupo a que se deu o nome de Comissão de Planeamento para o

* *Arabic Political Memoirs and Other Studies*, Londres, 1974. (N. da t.)

Médio Oriente* e , que tinha por principal propósito, nas palavras do mesmo: «descobrir formas de tirar partido da amizade que se começava a desenvolver entre nós e Nasser»**.

Em 1947, Copeland foi enviado a Damasco («não se revela por quem», diz Kedourie) «para estabelecer um contacto officioso» com líderes sírios e «para sondar meios de os persuadir a liberalizar, por si próprios, o seu sistema político».

Na senda de implementar a democracia pelo mundo, os norte-americanos começaram por lutar contra eleições fraudulentas na Síria, mas a antiga corrupção continuou a existir não obstante tudo o que o poder e o dinheiro norte-americanos conseguiam fazer. Frustrados, os americanos decidiram, pela melhor das razões, como sempre, realizar uma acção mais assertiva: «O diplomata americano em Damasco decidiu encorajar um golpe de Estado militar, para que a Síria pudesse usufruir da democracia», escreve Kedourie. Não se considerou tal coisa como particularmente bizarra; outros embaixadores e diplomatas dos Estados Unidos colocados no mundo árabe eram completamente a favor de uma «autêntica» revolução que tirasse do poder antigos latifundiários, políticos e vigaristas abastados. «O que se pretendia era uma elite que sustentasse os governantes, que por seu turno seria apoiada e fortalecida por uma população que presumivelmente perceberia, aprovaria e legitimaria os objectivos dessa mesma elite. Quem conhece o Médio Oriente concordará que um tal projecto era o equivalente político da demanda pela pedra filosofal.»

* Middle East Policy Planning Committee. (N. da t.)

** *The Game of Nations*, Nova Iorque, 1970.

NOTA BIOGRÁFICA

SAUL BELLOW (1915-2005) foi, até à data, o único romancista a receber três National Book Awards, por *As Aventuras de Augie March*, *Herzog* e *O Planeta do Sr. Sammler*. Em 1975, ganhou o Prémio Pulitzer pelo romance *Humboldt's Gift*. O Prémio Nobel da Literatura foi-lhe atribuído em 1976 «pelo entendimento da humanidade e pela subtil análise da cultura contemporânea, que se combinam na sua obra». Em 1988 e 1990, Saul Bellow recebeu, respectivamente, a National Medal of Arts e a National Book Award Foundation Medal (pela sua notável contribuição para as letras americanas). Publicou, entre outras obras, *Na Corda Bamba* (*Dangling Man*, 1944), *A Vítima* (*The Victim*, 1947), *As Aventuras de Augie March* (*The Adventures of Augie March*, 1953), *Aproveita o Dia* (*Seize the Day*, 1956), *Henderson, o Rei da Chuva* (*Henderson the Rain King*, 1959), *Herzog: Um Homem do Nosso Tempo* (*Herzog*, 1964), *Mosby's Memoirs* (1969), *O Planeta do Sr. Sammler* (*Mr. Sammler's Planet*, 1970), *Humboldt's Gift* (1975), *Jerusalém, Ida e Volta* (*To Jerusalem and Back*, 1976), *The Dean's December* (1982), *Him With His Foot in His Mouth and Other Stories* (1984), *Morrem mais de Mágoa* (*More Die of Heartbreak*, 1987), *A Theft* (1989), *A Organização Bellarosa* (*The Bellarosa Connection*, 1989), *Uma Recordação Minha* (*Something to Remember Me By*, 1991), *It All Adds Up* (1994), *A Autêntica* (*The Actual*, 1997), *Ravelstein* (*Ravelstein*, 2000) e *Collected Stories* (2001).



TERUSOLÉM
ida e volta

*foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso na Manuel Barbosa &
Filhos, em papel Coral Book de 80 g, numa ti-
ragem de 2000 exemplares, em Janeiro de 2011.*

OUTROS TÍTULOS DA COLECÇÃO

Morte na Pérsia

Annemarie Schwarzenbach

(trad. Isabel Castro Silva)

Disse-me Um Adivinho

Tiziano Terzani

(trad. Margarida Periquito)

Uma Ideia da Índia

Alberto Moravia

(trad. Margarida Periquito)

Nova Iorque

Brendan Behan

(trad. Rita Graña)

Paris

Julien Green

(trad. Carlos Vaz Marques)

Histórias Etíopes

Manuel João Ramos

O Japão é Um Lugar Estranho

Peter Carey

(trad. Carlos Vaz Marques)

Na Síria

Agatha Christie

(trad. Margarida Periquito)

Veneza

Jan Morris

(trad. Raquel Mouta)

A Viagem dos Inocentes

Mark Twain

(trad. Margarida Vale de Gato)

Caderno Afegão

Alexandra Lucas Coelho

Viva México

Alexandra Lucas Coelho